Publ. 64 *Série I. D.*

MINISTERIO DA VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS

INSPECTORIA FEDERAL DE OBRAS CONTRA AS SECCAS

Inspector: Miguel Arrojado Ribeiro Lisbôa

INSCRIPÇÕES RUPESTRES NO BRASIL

POR

Luciano Jacques de Moraes

Geologo da Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas

RIO DE JANEIRO

1924

CLASSIFICAÇÃO

DAS

Publicações da Inspectoria Federal de Obras Contra as Seccas

As publicações da Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas são divididas nas duas seguintes séries:

SERIE I:

A — Referentes á botanica (vegetação, florestação).
B — " ao clima.
C — " á piscicultura.
D — " á hydrologia e geologia.
E — " a assumptos geraes relacionados com o problema das seccas e especialmente com as condições agricolas, economicas, sociaes e estatisticas da região flagellada.
F — Publicações destinadas a divulgar, entre as populações flagelladas, meios e medidas que attenuem os effeitos das seccas.
G — Plantas, mappas, cartas das bacias fluviaes dos Estados ou regiões flagelladas.

SERIE II:

H — Memorias, projectos e orçamentos relativos á barragens, audagem e irrigação.
I — Memorias, projectos e orçamentos relativos á drenagem e dessecamento.
J — Memorias, projecto e orçamentos relativos á abertura de poços.
K — Memorias, projectos e orçamentos relativos á vias de transporte.
L — Publicações referentes a processos technicos de trabalhos e a execução de obras.
M — Relatorios dos serviços da Inspectoria.

PUBLICAÇÕES

DA

Inspectoria Federal de Obras Contrs as Seccas

Numero 1 — Serie I, F — O problema das seccas sob seus variados aspectos, por Miguel Arrojado Lisbôa, Alberto Löfgren, Roderic Crandall, Horace Williams e D. Webber. (Ainda não foi feita a publicação).

Numero 2 — Serie I, A — Notas botanicas (Ceará por Alberto Löfgren. Outubro de 1910—(2ª edição)

Numero 3 — Serie I, G — Mappa dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, com partes dos Estados limitrophes, pelo Serviço Geologico e Inspectoria de Obras contra as Seccas, na escala de 1:1.000.000. Outubro de 1910. — 2ª edição).

Numero 4 — Serie I, D, E — Geographia, geologia, supprimento de agua, transporte e açudagem nos Estados da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, por Roderic Crandall, do Serviço Geologico. Outubro de 1910.

Numero 5 — Serie I, G — Mappa botanico do Estado do Ceará, por Alberto Löfgren, botanico da Inspectoria de Obras contra as Seccas. Escala 1:3.000.000. Outubro de 1910—(Esgotada).

Numero 6 — Serie I, G — Mappa do Estado do Ceará, ampliado da publicação numero 3, na escala de 1:650.000 com a collaboração do senhor Antonio Bezerra de Menezes. Outubro de 1910. — (2ª edição).

Numero 7 — Serie I, G — Mappa Geologico dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, por Horace Williams e Roderic Crandall, do Serviço Geologico. Escala 1:3.000.000. Outubro de 1910. — (Esgotada).

Numero 8 — Serie II, H — Memorias e projectos de açudes estudados e elaborados pelas Commissões do "Açude de Quixadá" e de "Açudes e Irrigação", chefiadas pelos engenheiros B. Piquet Carneiro e José Ayres de Souza. Outubro de 1910. — (Esgotada).

Numero 9 — Serie II, H — Memorias e projectos de barragens elaborados, em parte ou totalmente, pela Inspectoria de Obras contra as Seccas. Outubro de 1910.—(Esgotada)

Numero 10 — Serie I, B, D — Chuvas e climatologia das regiões das seccas, pluviometria do norte do Brasil e suas relações com a vasão das correntes e com a açudagem, por Horace Williams e Roderic Crandall, do Serviço Geologico. (Ainda não foi feita a publicação).

Annexo á publicação n. 10 — Serie I, B, D — Carta hypsometrica da região semi-arida do Brasil, por Horace Williams e Roderic Crandall, do Serviço Geologico. — Outubro de 1910. — (Esgotada).

Numero 11 — Serie I, G, B — Carta pluviometrica da região semi-arida do Brasil, por Horace Williams e Roderic Crandall, do Serviço Geologico. — Outubro de 1910. — (Esgotada).

Numero 12 — Serie I, E — Estudos e trabalhos relativos aos Estados da Parahyba e Rio Grande do Norte, pelo engenheiro Raymundo Pereira da Silva, chefe da 2ª secção da Inspectoria. — Outubro de 1910. — (Esgotada).

Numero 13 — Serie I, A — A tamareira e seu cultivo, por Alberto Löfgren, chefe botanico da Inspectoria. — Março de 1912. — (Esgotada).

Numero 14 — Serie I, G — Mappa de parte dos Estados de Pernambuco, Piauhy e Bahia, por Guilherme Lane, chefe topographo da Inspectoria. — Março de 1912.

Numero 35 — Serie I, G — Mappa do Estado de Sergipe e da parte nordéste do da Bahia, pelo mesmo autor. — Julho de 1914.

Numero 36 — Serie I, C — Criação de peixes larvophagos nos açudes, pelo Dr. Alberico Diniz, ex-medico da 3ª secção da Inspectoria.— Junho de 1914. — (Esgotada).

Numero 37 — Serie II, M — Relatorios dos trabalhos executados durante o anno de 1913, apresentado ao ministro da Viação e Obras Publicas pelo inspector, Dr. Aarão Reis. — Julho de 1914.

Numero 38 — Serie II, L — Typos de perfis para barragens de alvenaria — Serie B — barragens submersiveis, por Flavio T. Ribeiro de Castro, engenheiro de 2ª classe. — Dezembro de 1914. — (Esgotada).

Numero 39 — Serie II, H — Açudes particulares nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Alagôas e Bahia. — Dezembro de 1914. — (Esgotada).

Numero 40 — Serie I, A — Hortos Florestaes (do Joazeiro, na Bahia, e do Quixadá, no Ceará). — Dezembro de 1914. — (Esgotada).

Numero 41 — Serie I, A — Estudo sobre as maniçobas do Estado da Bahia, em relação ao problema das seccas, pelo Dr. Léo Zehntner — Dezembro de 1914.

Numero 42 — Serie I, G — Mappa do Estado de Pernambuco, organizado, sob a direcção de Guilherme Lane, chefe topographo, addido,pelo engenheiro de 2ª classe, addido, Roberto Miller. — Julho de 1915.

Numero 43 — Serie II, M — Relatorios dos trabalhos executados durante o anno de 1915, apresentado ao Ministerio da Viação. — Julho de 1916.

Numero 44 — Serie I, G — Mappa do Estado de Alagôas, organizado pelos engenheiros Giles Guilherme Lane, chefe topographo, addido, e Virgilio Pinheiro, conductor de 1ª classe, segundo os seus trabalhos de campo. Escala 1:500.000. — Julho de 1917.

Numero 45 — Serie II, M — Relatorio dos trabalhos executados durante o anno de 1916, apresentado ao Ministerio da Viação em Março de 1918. — 1920.

Numero 46 — Serie II, M — Relatorio dos trabalhos executados durante o anno de 1917, apresentado ao Ministerio da Viação em Dezembro de 1918. — 1921.

Numero 47 — Serie I, B — Dados pluviometricos relativos ao nordéste do Brasil. — Periodo 1912-1920. Colligidos pela Secção de Estatistica e Collecta de dados physicos e economicos e publicados sob a direcção de C. Delgado de Carvalho, chefe do serviço de estatistica, em commissão. — Anno 1922.

Numero 48 — Serie I, G — Mappa phytogeographico dos Estados da Bahia e Sergipe, organizado pelo engenheiro Philipp von Luetzelburg. Escala 1:3.000.000. Anno 1922.

Numero 49 — Serie I, G — Mappa phytogeographico do Estado do Piauhy, organizado pelo engenheiro Philipp von Luetzelburg. Escala 1:2.000.000. Anno 1922.

Numero 50 — Serie I, G — Mappa phytogeographico do Estado da Parahyba, organizado pelo engenheiro Philipp von Luetzelburg. Escala 1:1.000.000. Anno 1922.

Numero 51 — Serie I, G — Mappa phytogeographico do Estado do Rio Grande do Norte e Ceará sul, organizado pelo engenheiro Philipp von Luetzelburg. Escala 1:2.000.000. Anno 1922.

Numero 52 — Serie I, G — Mappa phytogeographico parcial da serra do Araripe, organizado pelo engenheiro Philipp von Luetzelburg. Escala 1:400.000. Anno 1922.

Numero 53 — Serie I, B, G — Atlas pluviometrico do nordéste do Brasil, organizado por C. M. Delgado de Carvalho. — Mappas pluviometricos geraes. — Anno 1923.

Numero 54 — Serie I, B, G — Atlas pluviometrico do nordéste do Brasil, organizado por C. M. Delgado de Carvalho. — Mappas pluviometricos annuaes. — Anno 1924.

Numero 55 — Serie I, B, G — Atlas pluviometrico do nordéste do Brasil, organizado por C. M. Delgado de Carvalho. — Mappas pluviometricos mensaes. — Anno 1924.

Numero 56 — Serie I, G — Determinação de coordenadas geographicas nos Estados de Parahyba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, pela commissão chefiada pelo eng. civil, Arnaldo Pimenta da Cunha, eng. de 1ª classe da Inspectoria de Seccas, em 2 volumes — Annos 1923 — 1923.

Numero 57 — Serie I, A — Estudo Botanico do Nordéste do Brasil, por Philipp von Luetzelburg, botanico da Inspectoria de Seccas, em 3 volumes — Annos 1922 — 1923.

Numero 58 — Serie I, D — Serras e Montanhas do Nordéste pelo engenheiro de Minas e civil Luciano Jacques de Moraes, geologo da Inspectoria de Seccas, Estudos Petrographicos pelo engenheiro de minas e civil Djalma Guimarães petographo do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, em 2 volumes—Anno 1924.

Numero 59 — Serie I, B, G — Atlas pluviometrico do nordéste do Brasil, organizado por C. M. Delgado de Carvalho. — Mappas pluviometricos de Percentagens e Isoamplitudes — Anno 1924.

Numero 60 — Serie II, M — Relatorio dos trabalhos executados durante o anno de 1922. — 1924.

Numero 61 — Serie I, G — Estradas de Rodagem do Nordéste, construidas pela I. F. O. C. S.—1923.

Numero 62 — Serie II, M — Introducção ao Relatorio dos trabalhos executados no anno de 1922 — 1923.

Numero 63 — Serie II, M — Relatorio dos trabalhos executados durante o anno de 1923. — 1924.

Numero 64 — Serie I, D — Inscripções rupestres no Brasil — Anno 1924.

PREFACIO

No estabelecer a chronologia do quaternario, o geologo é frequentemente forçado a recorrer ao archeologo para fundamentar suas conclusões. Já se vê, pois, que não destôa da natureza das publicações da série concernente á geologia a presente contribuição para o estudo da archeologia e prehistoria do Brasil.

Referindo-se á prehistoria americana, diz Marcellin Boule: a America continúa a ser o grande mysterio da época dos conquistadores.

O desejo de concorrer, de algum modo, para a elucidação desse enigma, fez com que nos animassemos a redigir estas notas,—resultado de nossas pesquisas in situ, *e informações, quer obtidas por nós no transcurso de nossas viagens pelos Estados do nordeste, quer tiradas dos escriptos anteriores, concernentes ao assumpto no Brasil.*

Rio de Janeiro, dezembro de 1924.

LUCIANO JACQUES DE MORAES.

Lista das Illustrações

PHOTOGRAPHIAS

DESENHOS

Inscripções rupestres no Brasil

Em diversos pontos do Brasil têm sido assignaladas, em quasi todos os Estados, figurações rupestres — gravuras e pinturas nas superficies de rochedos e paredes de cavernas.

NOVA CONTRIBUIÇÃO. — Quando das nossas investigações geologicas atravez do Nordeste, nos foi dado observar figuras dessa natureza em algumas localidades.

Das inscripções, *pinturas, letreiros* ou *pedras lavradas* (tal qual são denominadas pelos sertanejos essas curiosidades), algumas são a tinta encarnada e ás vezes pardo-escura; outras se gravaram na dura rocha com o auxilio de estylete do mesmo material.

Representam signaes lineares e figuras de animaes, taes como aves, lagartos, centopeias, etc., etc.

Vimos, não obstante, em Pedra Lavrada, no logar denominado Poço Grande, na Parahyba, uma terceira categoria de signaes, que seria conveniente destacar, por differirem dos

primeiros no seu aspecto e no seu formato: consta de pequenos furos semi-esphericos, praticados no gneiss, de 2 a 4 centimetros de diametro, ora reunidos em grupos de 9, ora associados a outras figuras e ora parece que dispostos desordenadamente.

Tivemos opportunidade de examinar inscripções nas seguintes localidades: Pinga, na fazenda Mumbuca, a 22 kilometros a oeste de Campina Grande; Pedra Lavrada, municipio de Picuhy, em dois logares, no Estado da Parahyba: gruta do Letreiro, na fazenda Olho d'Agua da Catanduba, a 36 kilometros a leste da estação Epitacio Pessôa; Pedra Lavrada, a 6 kilometros para oeste de S. João do Sabugy, no Estado do Rio Grande do Norte.

Conseguimos copiar alguns dos mais expressivos caracteres em todos esses letreiros, excepto no de Pinga; e photográphamos diversos paineis da Pedra Lavrada de S. João de Sabugy.

Em um dos rochedos de Pedra Lavrada, na Parahyba, as garatujas a tinta encarnada estão misturadas ás de baixo-relevo (desenho n. 1). Ahi os desenhos de lagartos ou jacarés são bastante nitidos e caracteristicos.

No logar Poço Grande (desenho n. 2), todas as inscripções são esculpidas em baixo relevo. Não se vêem nesse rochedo os jacarés do outro, mas duas centopeias, duas aves grosseiramente representadas, uma porção de pontos, etc. Os riscos que formam as figuras, variando de

N.º 1. Inscripções em rochedos de granito. Pedra Lavrada de São João do Sabugy. Rio Grande do Norte.

profundidade de 1/4 a meia pollegada, são sulcos perfeitamente lisos, p a r e c e n d o que foram feitos pelo attricto. Da mesma maneira, os pontos ou furos semi-esphericos são lisos, polidos.

Muitos dos signaes estão apagados e sem nitidez, razão pela qual não pudemos fazer uma cópia do conjuncto.

O desenho n.º 3 representa alguns caracteres no granito de Pedra Lavrada, a 6 kilometros a oeste de S. João do Sabugy, Rio Grande do Norte. Num dos rochedos do mesmo logar, ha signaes que lembram "marcas de gado", tal qual se vê nitidamente na photographia n.º 1. Mas estas garatujas, sobre parecerem mais recentes, têm aspecto inteiramente diverso das que são vistas nas photographias ns. 2 e 3, e das que existem a tinta encarnada, no mesmo logar.

Na gruta do Letreiro, em uma das paredes, ha um grupo de tres rectangulos de 9 centimetros de lado, dispostos como mostra o desenho n. 4, cada um dividido em quatro rectangulos menores por rectas parallelas á altura; á direita delles, fica um risco mixto, tudo a tinta vermelha. A' esquerda, ha uma garatuja meio apagada, a tinta preta ou esverdeada; mais á direita, uma cruz de dez centimetros em cada braço, e outros rectangulos e diversos signaes confusos e bastante apagados, tudo a tinta encarnada. No tecto, ha uns riscos a tinta vermelha. Em uma das paredes, existe um *oito*

em alto relevo, copiado em verdadeira grandeza por decalque. A gruta é calcarea.

No Rio Grande do Norte, soubemos verbalmente da existencia de letreiros nos seguintes logares: Carapeba, a 18 kilometros ao norte de Epitacio Pessôa; em Santa Rosa, a léste de Recanto; em Pinturas, perto de Sant'Anna do Mattos; no boqueirão de Angicos ou Pinturas, entre Assú e Augusto Severo, no rio Salgado; em Serra Branca, na fazenda Pombas, a 10 kilometros ao sul de S. João de Sabugy, etc.

Na Parahyba, o Dr. Philipp von Luetzelburg nos deu noticia das inscripções da serra da Aba, ao norte da povoação de Passagem, no municipio de Patos, e das quaes gentilmente nos offereceu uma photographia, que se vê no presente trabalho (photographia n. 4). Essas inscripções estão nas paredes dos rochedos e dos caldeirões que nos mesmos se encontram. São a tinta encarnada e em baixo relevo: riscos inclinados e verticaes, cruz, circulos, garatujas complicadas, polygonos, etc.

Como já frisámos acima, muitos traços, num dos rochedos de Pedra Lavrada de S. João do Sabugy, suggerem impressões de ferro de marcar rezes e parecem ser de factura mais hodierna.

Salva, porém, esta pequena restricção e tambem a de outras poucas figuras que o espirito imitativo dos contemporaneos entendeu de bordar á margem das primitivas inscripções, é muito provavel que se possam remontar mui-

tos destes documentos humanos a uma época millenar, pelo menos bem anterior ao descobrimento do Brasil.

Aliás, já em 1641, Elias Herckman se referia a letreiros no interior da Parahyba (1), e datam das primeiras penetrações dos bandeirantes paulistas no coração de Minas Geraes as noticias de semelhantes achados no sul do Paiz (2).

Essas inscripções têm sido attribuidas a phenicios, judeus, gregos, normandos, flamengos e germanos. O mais plausivel, porém, a unica hypothese de accôrdo com os factos concretos, é que representam vestigios de uma população, senão identica, pelo menos grandemente approximada dos selvagens coevos do descobrimento.

E' sabido que os nossos indios não conheciam a escripta. Mas de facto não infirma, de maneira alguma, a opinião, já expressa por Retumba em 1886 (3), que lhes attribue a autoria dos signaes nos rochedos. Porquanto, mesmo ignorando o alphabeto, poderiam fazer taes garatujas, quer por simples passatempo (como o fazem, ainda hoje, as creanças na areia da praia, os campeiros e os viajantes analphabetos nos barrancos das estradas e nos troncos das arvores), quer como manifestação de arte primitiva.

Uma prova de serem as inscripções de autoria dos selvicolas está no facto de algumas dellas se acharem ao lado de antigos cemiterios e aldeias indigenas. Informaram-nos que no

logar Curralinho, ao norte de Epitacio Pessoa e proximo de Carapeba, no Rio Grande do Norte, existem indicios de uma aldeia de indios, perto dos letreiros. Coriolano de Medeiros (4) menciona antigas necropoles indigenas nos seguintes logares da Parahyba: na serra da Caxexa, do municipio de Bananeiras, perto de diversas pedras com inscripções; ao sul da serra do Algodão, 45 kms. a noroéste da cidade de Areia, numa gruta se encontram esqueletos humanos sepultados sob camadas de areia finissima e nas paredes da mesma gruta se vêem caracteres traçados a tinta vermelha, na serra do Corredor, do municipio de Cabaceiras, zona em que são numerosas as inscrições. I. Joffily (5) informa haver visitado uma caverna na serra da Canastra, ao norte de Campina Grande, onde havia esqueletos de indios, e, nas paredes da caverna, riscos amarellos.

No nosso conceito, a analogia das inscripções ora estudadas com representações rupestres da Asia, Europa e Africa apenas documenta a civilisação primitiva, da edade da pedra, das gentes que os gravaram e das então nos tempos prehistoricos; mas não constituem, como asseveram alguns, prova basta da estada aqui de cada um desses povos, pois, do contrario, teriamos logicamente de admittil-os na Amazonia, no Nordeste, no Brasil Oriental, meridional e central por serem as inscripções exis-

N.º 2. Inscripções em rochedos de granito. Pedra Lavrada de São João do Sabugy. Rio Grande do Norte.

tentes em todas essas regiões, semelhantes em seu conjuncto.

Um lanço de vista por sobre as cópias e as photographias que illustram a presente memoria justificará, parece-nos, de preferencia a qualquer outro argumento, as nossas asserções.

Em geral, os sertanejos do Nordéste estão persuadidos de que esses signaes foram feitos pelos hollandezes ou flamengos para assignalar thesouros escondidos ou os ponto por onde iam passando. Essa crença, estulta, desde muito é transmittida pela tradição de pae a filho, atravessando os seculos.

SUMMULA DOS TRABALHOS ANTERIORES. INFORMAÇÕES — Sobre o assumpto já existe vultosa bibliographia. Escriptores varios versaram a materia.

Alfredo de Carvalho (6) cita a opinião de varios viajantes que observaram figuras rupestres no Brasil, Goyanas e Venezuela. Assim, elle informa que o ethnologo Koch-Gruenberg, depois de dois annos de intima convivencia com os indigenas, concluiu serem as inscripções principalmente manifestações desportivas de um ingenuo senso artistico, e raras vezes ou nunca possuirem significação intencional. Diz este investigador que os "sulcos não são productos do trabalho continuo e diligente de um só individuo e sim da coparticipação successiva de muitos, talvez mesmo de varias gerações". Na bacia superior do rio Negro, por duas vezes, a Koch-Gruenberg, depararam-se-lhe "litho-

glyphos recentes, nitidamente visiveis, si bem que datassem já de alguns dias, ou mesmo semanas". Para Richard Andree, as inscripções são sempre ociosos e grosseiros primordios de uma arte primitiva. Martius as considera como provindo dos indigenas e opina que pódem ser obra de varias e mesmo de muitas gerações que se succederam no mesmo sitio.

Diversos viajantes, mencionados pelo mesmo informante, assignalaram a concordancia existente entre as inscripções em rochedos e as pinturas e desenhos dos indigenas actuaes.

Dessa maneira Alfredo de Carvalho mostra que as gravuras e pinturas rupestres não são obra de individuos isolados, mas o resultado dos desportos ociosos de successivas gerações.

Assim explica este escriptor a origem das inscripções, esposando as idéas dos autores referidos e de outros que discorreram sobre o assumpto.

"Da mesma sorte que o indigena, em horas de ocio, se arma dum pedaço de carvão e traça, nas paredes de sua choupana, figuras as mais multiformes, assim tambem o aspecto do paredão liso duma rocha o tenta ao exercicio de uma arte infantil. Em vez do pedaço de carvão, serve-se duma pedra aguda e esboça um desenho qualquer. Tempos após um outro indigena passa pelo mesmo logar, fere-lhe a vista a figura traçada na superficie escura da rocha e, obedecendo ao instincto de imitação, pega duma pedra e, brincando, vae aprofundando os

contornos do desenho original. Outro indigena segue o seu exemplo e assim por diante, de cada vez mais se pronunciam os sulcos e, pouco a pouco, talvez, só depois de muitas gerações, chegam a ter a profundidade hoje tão admirada pela maioria dos investigadores e por elles considerada como o resultado do labor prodigioso dum só individuo, ou attribuida a um gráo de cultura superior".

Em essencia, remata Koch-Gruenberg, os lithoglyphos são perfeitamente identicos, na fórma, ás pinturas em rochedos, "e tambem ás rudimentares manifestações artisticas traduzidas pelos desenhos dos indigenas actuaes, com a differença apenas de que o pedaço de carvão, o tosco pincel e, mesmo, o dedo imbebido na tinta, substituiu o calhau agudo".

Depois dessas considerações, diz Alfredo Carvalho estar demonstrada a ausencia de significação symbolica e o nenhum valor documental das inscripções lapidares sul-americanas, com o que concordamos inteiramente. (*).

(*) Depois de escripta esta memoria, foi que tivemos noticia do livro de Alfredo de Carvalho — *Prehistoria Sul-Americana*, publicado em 1910 —, muito precioso pela grande cópia de informações que encerra. Haviamos já chegado á conclusão de serem devidas aos selvicolas as figurações rupestres, pelas razões apresentadas precedentemente, e por isso não houve nenhuma alteração substancial no que tinhamos escripto, limitando-nos a aproveitar alguns dados contidos no mesmo livro. Dest'arte, folgamos em registrar mais essa ajuda em favor da opinião por nós perfilhada, ajuda muito valiosa, cumpre frisar.

Na Amazonia varios scientistas se têm preoccupado com as *itacoatiáras* (*pedras pintadas*, na lingua indigena), algumas muito semelhantes ás do Nordeste, pelo que vimos num trabalho do professor Charles Frederic Hartt (7) com numerosos desenhos e copias elucidativas, e noutro do Dr. Ladislau Netto (8), igualmente accrescido de documentadoras cópias. Nestas inscripções da Amazonia prevalecem, todavia, as figurações de homem e animaes, objectos physicos, etc., ao contrario das do nordeste, onde são mais assiduos os signaes lineares, á maneira de escripta rudimentar.

Ferreira Penna, citado por Alencar Araripe (9), nas margens do Xingú, bem como na ilha do Marajó, fez estudos importantes de letreiros lá existentes. E' curiosa a particularidade das inscripções "Ferreira Penna", nas margens do Xingú: "Quando avistei a pedra, diz elle, parei de subito, surprehendido pelo espectaculo tão estranho como imponente, que ella me offerecia: era um amplo e admiravel painel, que se elevava diante de mim, á similhança dum quadro de salão. Era uma soberba inscripção esculpida em baixo relevo, mas realçada por traços dum amarello profundo sobre a face plumbeo-escura e perfeitamente aplainada dum phonolito".

Tambem Barbosa Rodrigues nos dá noticia de pedras pintadas no sitio Igrejinha, na villa de Moura, em Itarendáua (pedregal, na lingua indigena), na ponta da Ribeira, na ilha do Salvador, em Ayrão, na enseada do Puiry, no rio Uaupés (cachoeira Jaurité), nas Lages (Rio Negro) e no rio Urubú, conforme Nelson de Senna (10), que diz textualmente:

"Tanto nos Estados brasileiros do extremo norte, como no Perú, Colombia, Guyanas, são bem frequentes, aliás, essas inscripções e imagens sobre rochas; e nellas se nota uma certa falta de uniformidade, explicavel pela rudimentar cultura artistica desses povos".

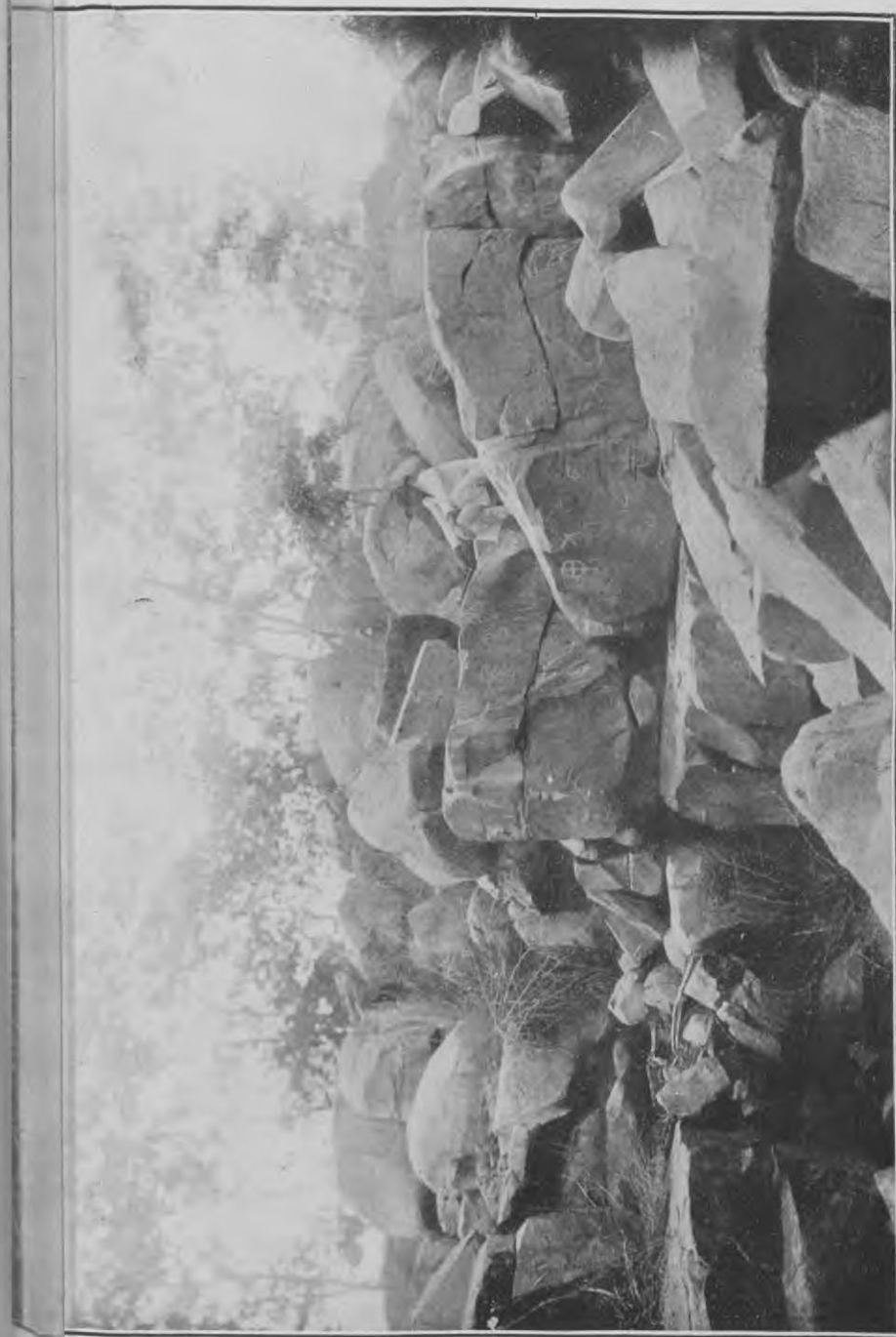
"Na serra do Erêrê (Amazonas) o naturalista Dr. João Martins da Silva Coutinho encontrou uma imagem do sol (reminiscencia da civilisação peruviana dos Incas)". (10)

Ainda no extremo norte do Paiz, o professor John Casper Branner refere letreiros tambem no Morro de Cantagallo (alto Tapajós), Alcobaça e Jequerapuá (baixo Tocantins), Serra da Escama (Obidos), Cachoeira do Ribeirão (rio Madeira) etc. (11)

Nas obras de fortificação da serra da Escama, proximo de Obidos, Pará, o Dr. Odorico de Albuquerque encontrou uns blócos de arenito em fórma de lage, dois dos quaes, com inscripções indigenas, se inclinavam com outros concordantemente para nordeste, mas com apparencia de terem sido desmontados pelo desmoronamento das rochas sotopostas.

"Não sabemos o valor que podem ter estas inscripções, que tanto podem ser simples garatujas indigenas, como tambem podem conter futuras contribuições para a historia dos pri-

meiros habitantes da Amazonia, que em muitos pontos deixaram evidentes signaes da sua superior cultura sobre o aborigene moderno, como se vê pela pequena collecção de murikatans de feições budhistas (amuletos) do senhor Barão de Solimões, em Obidos, e das collecções ceramicas que se acham em nossos museus. Oxalá que estudiosos destes assumptos, como o coronel Bernardo de A. da S. Ramos, director do Instituto Historico de Manáos, cujos trabalhos, ainda inéditos, promettem sensacionaes revelações, venham nos despertar mais carinho por taes monumentos que estão sendo destruidos por nosso menosprezo. Assim, por exemplo, estas inscripções da serra da Escama, ou Obidos, brevemente terão authenticidade compromettida, porque os soldados da guarnição do forte escrevem com sabres nomes nas superficies disponiveis das lages. Até ha pouco estas inscripções eram respeitadas e mesmo, referia-me o Sr. Barão de Solimões, que certa vez teve de impedir que um viajante inglez (provavelmente o Sr. C. Barrington Brown) as conduzisse para a Inglaterra, e não vejo motivo para que agora não se continue a guardal-as com o mesmo carinho". (12)

O Barão Alexandre de Humboldt, no relatorio de sua viagem ás regiões equinoxiaes do Novo Continente, allude ás inscripções rupestres de diversos pontos dos limites do Brasil com a Venezuela e Guyanas (6).

N.º 3. Inscripções em rochedos de granito. Pedra Lavrada de São João do Sabugy, Rio Grande do Norte.

No Piauhy, Branner cita as inscripções de Curimatã e o Dr. Philip von Luetzelburg mostrou-nos photographia das existentes na serra do Brejo, no municipio de S. João do Piauhy, ao sul do Estado.

No Ceará encontram-se vastamente disseminadas pelo Estado, notadamente na região dos C a r i r y s, onde nos informaram haver uma pedra com varios signaes, entre elles rastos humanos, desenhados a tinta encarnada, tidos pelos ignorantes sertanejos como sendo da Virgem Maria.

João Franklin de Alencar Nogueira diz que as inscripções da serra da Rola, por elle visitadas no Ceará, são de origem indigena, pela simplicidade das figuras e por parecerem traçadas a dedo com uma tinta de côr semelhante (encarnada escura) á ainda hoje usada pelos cearenses na ornamentação de talhas e outros objectos de barro. Informaram ao autor a existencia de outros letreiros e figuras de animaes do outro lado da serra, e elle reproduz tambem signaes a tinta encarnada, cruzes e riscos parallelos, encontrados na gruta Casa de Pedra (13).

O Sr. Aristides Leterre, um estudioso desse assumpto, mostrou-nos uma extensa lista de localidades do Ceará onde existem inscripções, e bem assim algumas cópias.

No Estado da Parahyba, serra da Caxexa, municipio de Bananeiras; pico do Jabre, perto de Teixeira, com desenhos de mão humana, pé,

etc.; em Gengibre ou Belém de Guarabira, municipio de Caiçára; e outras localidades citadas por José Fabio da Costa Lyra (14), J R. Coriolano de Medeiros, Irineu Joffily, engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba, Alencar Araripe, em 1887, e mais remotamente, Elias Herkman, em 1641, Henry Koster (15), em 1810. Joffily fala na repetição dos riscos inclinados e pensa que dahi se possa deduzir a chave para decifrar esses enigmas.

Já tivemos occasião de discorrer alhures a proposito da questão (16).

No Instituto Historico e Geographico da Parahyba existe um desenho representando a inscripção de Pedra Lavrada, elaborado por Retumba (3) e por elle remetido, em 7 de Agoso de 1886, ao presidente daquella provincia, desenho que tem sido reproduzido em diversas publicações. Nos dois logares em que vimos inscripções em Pedra Lavrada não encontrámos semelhança entre as mesmas e o referido desenho, no conjuncto, embora haja alguns signaes parecidos. Dentre as figurações mais caracteristicas e mais visiveis desses logares acham-se as representações de jacaré, em um do rochedos, e as de ave, no outro, e ellas não foram copiadas nem mencionadas por Retumba. Acompanharam-nos aos rochedos das inscripções alguns moradores de Pedra Lavrada que tinham em mão o desenho em questão, inserto no n. 53, de 15 de Novembro de 1923, da revista *Era Nova*, da Parahyba, e que

puderam verificar a inexactidão do mesmo. Essas pessôas disseram-nos ignorar a existencia de outras inscripções nas immediações da localidade.

No mesmo Instituto ha ainda copiadas as inscripções de Serrinha, Poço do Boi, Passmado, Poço da Serrinha e as de outros logares do municipio de Cabaceiras, tiradas por Pedro Joaquim Vellez Botelho e descriptas por José Fabio da Costa Lyra.

Branner, descrevendo as inscripções nos rochedos de Cacimba Cercada, Pedra Pintada e Sant'Anna, as duas primeiras localidades nos arredores da villa de Aguas Bellas (Pernambuco) e a ultima perto de Agua Branca (Alagoas), allude á circumstancia de se encontrarem umas e outras á beira d'agua, e diz:

"Si ellas não têm qualquer outra relação com a propria agua, é possivel que estejam nessas localidades por ser ahi que viviam naturalmente os primitivos habitantes do paiz, durante o verão (*) que reina quasi metade do anno; e na verdade parte das inscripções, de que me tenho occupado, pelo menos as que se observam no leito da corrente, devem ter sido feitas nessa estação. Estou, porém, inclinado a suppôr que alguns, senão todos esses dese-

(*) Isto tambem é provado pelas inscripções de Poço Grande, já alludidas, algumas das quaes ficam debaixo d'agua no inverno. Refere ainda Branner que as inscripções estão em pontos proeminentes do terreno. Embora assim seja na generalidade, ha excepções: Poço Grande, gruta do Letreiro e Pedra Lavrada de S. João do Sabugy.

nhos, se referem ao supprimento d'agua, que é tão incerto nessa região de grandes seccas, sendo inutil agora indagar para que servem, si para registro das estações, si para dirigirem um voto ou supplica aos poderes distribuidores da chuva." (**)

E accrescenta mais adiante: "O facto de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudes glyphos deve ser um incentivo para sua compilação e estudo. E nem a presença occasional de figuras entre elles, as quaes foram evidentemente feitas desde o apparecimento dos missionarios Jesuitas, no sul da America, deve ser considerada uma prova infallivel de que todos são de data comparativamente recente.

Na verdade, ainda poderemos procurar a sua interpretação, reunindo os anneis dessa cadeia que prende a civilisação de hoje á dos seculos sepultados agora nas trevas".

Os desenhos a que se refere Branner foram impressos na sua opinião, com instrumentos de pedra de gume suavemente arredondado, sobre grandes blócos de gneiss decomposto, até a profundidade approximada de 1/4 de pollegada; após essa operação, o gravador revestiu provavelmente, os sulcos dos glyphos de uma tinta vermelha escura ou parda, observada em todos elles, e que o tempo não conseguiu desmanchar.

(**) Alfredo de Carvalho affirma que Branner lhe disse posteriormente, em 1907, estar plenamente convencido do nenhum valor symbolico dessas garatujas em rochedos.

N.º 4. Inscripções na serra da Aba, ao norte da povoação de Passagem. Municipio de Patos. Parahyba do Norte.
(Phot. pelo Dr. Philipp von Luetzelburg).

São de diversas naturezas as inscripções visitadas por Branner: asteriscos, circumsferencias, combinações de furos e pontos formando figuras lineares, arcos, ferro de lança, caracóes, meia lua, peixes grosseiramente desenhados, espiraes, argolas, etc., de que o autor fornece reproducção elucidativa.

Adverte que "não se podem confundir esses desenhos com os buracos feitos em grandes pedras pelos indios, para moerem o milho, e que tambem apparecem perto d'agua. Muitos dessa especie de pilões foram por mim achados ao pé do Pão de Assucar, sobre o Rio S. Francisco. São abertos na superficie elevada de grandes fragmentos de rochedos, proximos do rio".

Em Sergipe, no valle do rio Cotinguiba, no logar chamado *Pedra do Letreiro,* encontrou Felisbello Freire, duas inscripções rupestres (6).

Na Bahia, Richard Burton, citado por Nelson de Senna, fala das inscripções existentes nas seguintes localidades banhadas pelo baixo S. Francisco: Icó da Ipoeira, sitio da Itacoatiára, Pé da Serra, Salgado, fazenda do Brejo, Olho d'Agua (Piranhas), Ipanema, etc.

Candido Costa informa que o n. 8 da Revista do Instituto Historico e Geographico da Bahia trouxe, sob a epigraphe *Descoberta de armas antigas de pedra, na serra de Sincorá,* um artigo firmado pelo Dr. G. Martina, onde são descriptos os objectos que o articulista alli

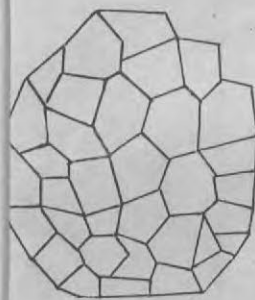
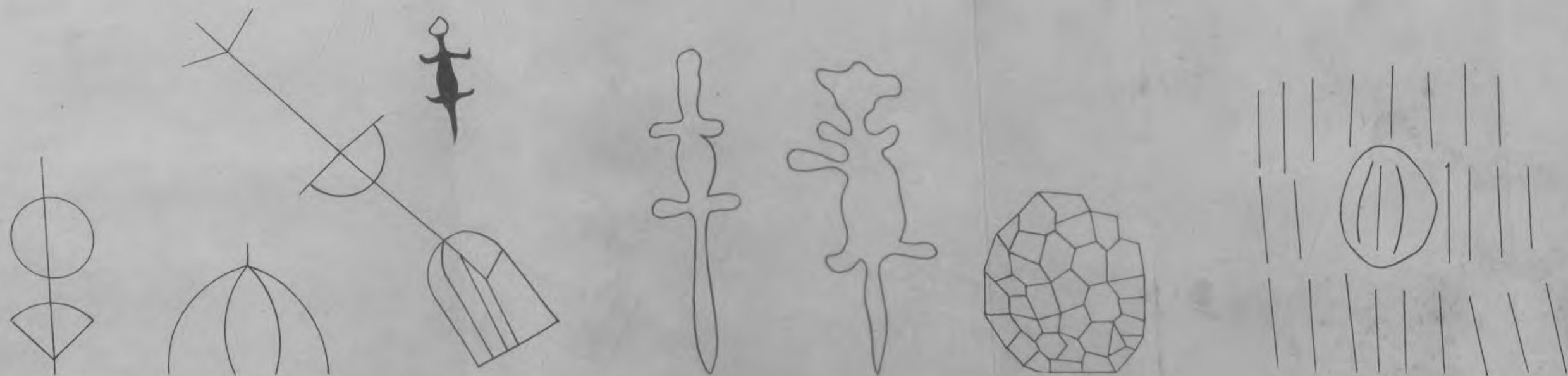
encontrou, "taes como figuras de homens, de animaes, e certos desenhos mui semelhantes aos das divindades dos Incas". (1)

Em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, de 21 de maio de 1924, lê-se uma noticia sobre caracteres encontrados em uma gruta da fazenda da Lapinha da Lagôa, Orobó, termo de Itaberaba. Esses caracteres, pela cópia que sahiu estampada no mesmo matutino, se assemelham aos de algumas localidades do Nordeste, principalmente as séries de riscos inclinados e verticaes.

Candido Costa diz que o principe Maximiliano de Wied-Neuwied, nas ruinas de uma villa do Estado do Espirito Santo, encontrou tambem inscripções lapidares.

No Estado do Rio, podemos citar as *Letras do Diabo*, de Cabo Frio, a que se refere o conselheiro Tristão de Alencar Araripe (9).

O engenheiro Jayme Reis cita inscripções do Estado de Minas por elle visitadas, illustrando com cópias o seu artigo muito curioso (2). Acha Jayme Reis que os riscos inclinados eram um computo de caças abatidas, visto como sempre havia figuras de veados, onças, tatús, etc., ao lado dos riscos.

Eis algumas das localidades de Minas onde occorrem letreiros ou *pedras riscadas*: serra do Beribery e S. Francisco, em Diamantina; Pedra do Resplendor e do Lajão do *M*, no Rio Doce; serra do Itambé do Matto Dentro; serra dos Martyrios, em Raposos de Sabará; serra

...icipio de Picuhy. Parahyba

Figuras no gneiss situadas a 1 Km. ao Norte de Pedra Lavrada, Municipio de Picuhy. Parahyba do Norte.

N.º 1

de São Thomé das Letras, em Ayruoca, cujos *glyphos* se acham reproduzidos no relatorio da Secretaria da Agricultura de Minas (1895) pela Commissão Geologica e Geographica do Estado. (10)

Segundo Ladislau Netto (8), o Dr. Felicio dos Santos affirmára que as inscripções lapidares existem por todo o norte do Estado de Minas; e, em 1840, Pedro Clausem visitou a "Lapa das Pinturas", no mesmo Estado, cheia de letreiros.

O engenheiro Alvaro da Silveira cita inscripções a tinta, em Pedra Pintada, rochedo da serra do Garimpo, a tres kilometros a sudoéste de Cocáes, no municipio de Santa Barbara; nos rochedos de Guará, nos do Lagoão, nos do Burity Cercado e outros da serra do Cabral, ao norte do Estado; na serra do Lenheiro, visinhanças de S. João d'El-Rey, — todas por elle attribuidas aos indigenas.

Consistem principalmente em figuras de animaes, e objectos diversos: onça, veado, anta, peixe, jacaré, kagado, lobo e, mesmo do homem. O Dr. Alvaro da Silveira allude a outros signaes, para os quaes não encontrou explicação. E diz: "De alguns trechos isoladamente não é, entretanto, difficil a traducção. Assim vê-se, por exemplo, uma anta que vae em demanda de um rio; veem-se dois homens que, trilhando estreita via, sahem do aldeamento e vão á pesca devendo para isso ser utilisada uma canôa que os espera; e, como esses, alguns outros trechos

são claramente intelligiveis" (17). Emquanto que nessas inscripções dominam as figuras de animaes e objectos, no Nordeste ellas são em menor numero que os riscos e signaes lineares.

"De uma memoria publicada pelo Dr. Matheus Saraiva, sabe-se que no alto da serra Itacoatiára, em Minas Geraes, encontrou-se uma inscripção de tres cruzes, symbolicas e hieroglyphas" — diz Candido Costa.

A 12 de Dezembro de 1886, o Dr. Domingos Jaguaribe Filho, mencionado por Alencar Araripe, dirigiu uma carta ao Dr. Orville Derby, comunicando-lhe o descobrimento de uma inscripção indigena em Vorá, municipio de Faxina, Estado de S. Paulo.

Na opinião do informante, aquella inscripção a tinta encarnada e preta devia constituir uma pagina da historia da tribu e mostrava: "uma figura humana com enfeites de pennas na cabeça e no pescoço; um palmeira toscamente gravada e pintada; uma porção de buracos de fórma circular, sendo dispostos 24, mais ou menos em linha recta; um circulo com diametro de 15 pollegadas, tendo riscos dentados na extremidade; dois outros concentricos, em fórma de relogio, tendo 60 divisões; logo depois a figura de um idolo e diversos riscos, todos pintados com tinta preta muito firme; uma figura de sol com uma cruz; um T; seis outros circulos; mão e pé humanos bem gravados, etc."

No Rio Grande do Sul, Koseritz affirma existirem letreiros analogos aos da Amazonia em Mundo Novo; e no praso colonial n. 4 da linha do Bom Jardim, municipio de S. Leopoldo, diz ter encontrado uma lapide com inscripções de outro genero, muito aperfeiçoadas, e sobre cuja origem borda algumas phantasias. (18)

Alfredo de Carvalho cita mais neste Estado: os letreiros de Virador, entre as colonias allemãs de S. Vicente e Nova Hamburgo, da colonia allemã de Farromecco e da picada de Cantaria.

Em Goyaz, o brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos fala dos "hieroglyphos que existem em algumas pedras do monte das Figuras na antiga estrada do Pilar para o Carretão, a oeste da serra deste nome e oito leguas distante do arraial do Pilar. Dizem que é com effeito obra da natureza, e que tem alguma semelhança ás letras C, E, F, O, e diversas outras configurações; alguns destes hieroglyphos têm acima de dois palmos de grandeza. Tambem se acham algumas figuras que parecem cabeças mal acabadas". E accrescenta: no morro das Figuras, de que acima fallei, ha varias impressões semelhantes ás mãos abertas com a palma para baixo" (19). E em Amaro Leite (comarca de S. João das Duas Barras), Goyaz, o citado brigadero noticia tambem rochedos com inscripções.

são claramente intelligiveis" (17). Emquanto que nessas inscripções dominam as figuras de animaes e objectos, no Nordeste ellas são em menor numero que os riscos e signaes lineares.

"De uma memoria publicada pelo Dr. Matheus Saraiva, sabe-se que no alto da serra Itacoatiára, em Minas Geraes, encontrou-se uma inscripção de tres cruzes, symbolicas e hieroglyphas" — diz Candido Costa.

A 12 de Dezembro de 1886, o Dr. Domingos Jaguaribe Filho, mencionado por Alencar Araripe, dirigiu uma carta ao Dr. Orville Derby, communicando-lhe o descobrimento de uma inscripção indigena em Vorá, municipio de Faxina, Estado de S. Paulo.

Na opinião do informante, aquella inscripção a tinta encarnada e preta devia constituir uma pagina da historia da tribu e mostrava: "uma figura humana com enfeites de pennas na cabeça e no pescoço; um palmeira toscamente gravada e pintada; uma porção de buracos de fórma circular, sendo dispostos 24, mais ou menos em linha recta; um circulo com diametro de 15 pollegadas, tendo riscos dentados na extremidade; dois outros concentricos, em fórma de relogio, tendo 60 divisões; logo depois a figura de um idolo e diversos riscos, todos pintados com tinta preta muito firme; uma figura de sol com uma cruz; um T; seis outros circulos; mão e pé humanos bem gravados, etc."

No Rio Grande do Sul, Koseritz affirma existirem letreiros analogos aos da Amazonia em Mundo Novo; e no praso colonial n. 4 da linha do Bom Jardim, municipio de S. Leopoldo, diz ter encontrado uma lapide com inscripções de outro genero, muito aperfeiçoadas, e sobre cuja origem borda algumas phantasias. (18)

Alfredo de Carvalho cita mais neste Estado: os letreiros de Virador, entre as colonias allemãs de S. Vicente e Nova Hamburgo, da colonia allemã de Farromecco e da picada de Cantaria.

Em Goyaz, o brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos fala dos "hieroglyphos que existem em algumas pedras do monte das Figuras na antiga estrada do Pilar para o Carretão, a oeste da serra deste nome e oito leguas distante do arraial do Pilar. Dizem que é com effeito obra da natureza, e que tem alguma semelhança ás letras C, E, F, O, e diversas outras configurações; alguns destes hieroglyphos têm acima de dois palmos de grandeza. Tambem se acham algumas figuras que parecem cabeças mal acabadas". E accrescenta: no morro das Figuras, de que acima fallei, ha varias impressões semelhantes ás mãos abertas com a palma para baixo" (19). E em Amaro Leite (comarca de S. João das Duas Barras), Goyaz, o citado brigadero noticia tambem rochedos com inscripções.

Finalmente, no Estado de Matto Grosso, ha muito que se descobriram inscripções rupestres. Ahi, é particularmente conhecida a de nome Letreiro da Gahyba, alto Paraguay. Os signaes, "alguns delles estão feitos abaixo do limite das aguas naturaes e só em tempo de baixa do rio pódem ser vistos".

"Parecem ser a representação do sol, lua, estrellas, serpentes, mão e pé de homem, pata de onças e folhas de palmeiras" — na opinião de João Severiano da Fonseca (20), que illustrou a sua referencia com um "fac-simile" do letreiro. Max Schmidt, por sua vez, conseguiu copiar os caracteres; não acha fiel a cópia de Fonseca nem as "interpretações mysteriosas" dadas á inscripção que reputa, entretanto, "material vivo de maxima importancia para estudos ethnologicos" (6). Ha mais no Estado a de S. Domingos, perto de Corumbá, copiada (6) por Vojtêch Frie. E rematemos, citando Alfredo de Carvalho, que escrevia em 1910:

"Ultimamente (1906) Paul Traeger (cita a obra) examinou no alto Paraná, algumas grandes cavernas, uma das quaes apresentava uma superficie de mais de 40 metros coberta de antigos signaes gravados, representações primitivas de animaes, homens, plantas, figuras geometricas, etc. Na segunda furna, que continha poucos desenhos, achou Traeger tambem restos ceramicos. A terceira caverna, infelizmente, estava entulhada pelas enchentes até quasi ao tecto, de modo a exigir excavação. O viajante

colheu informações de desenhos semelhantes em outros logares, e viu alguns em rochedos que na occasião da vazante emergiam do meio do rio. De muitos destes lithoglyphos Traeger tirou photographias e decalques, ainda não publicados em 1907".

No Brasil, por emquanto, carecemos de referencias a inscripções rupestres porventura existentes nos Estados do Maranhão, Paraná, Santa Catharina e no Territorio do Acre.

Faz-se agora propicio o ensejo de repisarmos aqui duas substanciosas rectificações, formuladas para dirimir, de vez, possiveis equivocos. Uma sobre a famosa inscripção phenicia de "Pouso Alto", Parahyba; a outra sobre a pretendida inscripção da Gavea, na cidade do Rio de Janeiro. Basta-nos, em ambos os casos, o testemunho de Ladislau Netto.

Resumamos, com respeito á primeira, o que diz em carta (21) a Ernesto Renan.

Por volta do anno de 1872, como fosse membro da Commissão de Archeologia e Ethnographia do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, recebeu desta sociedade uma communicação, pedindo-lhe dar parecer sobre caracteres graphicos encontrados na "fazenda de Pouso Alto, Parahyba", sobre uma pedra, e remettidos ao Instituto pelo dono da fazenda, "Joaquim Alves da Costa". Não tardou muito a descobrir que, na contextura de algumas palavras e phrases, a inscripção deixava transparecer "em parte o *Poenulus* de

Plauto, em parte o periplo de Hannon e na sua quasi totalidade alguns livros da Biblia". Já desconfiando da authenticidade do documento e não conseguindo identificar esse "Joaquim Alves da Costa", nem sabendo a qual "Parahyba" pudesse attribuir a tal fazenda "Pouso Alto", appellou para a imprensa do Rio de Janeiro. A noticia, accrescida sempre que transcripta, correu celere, fazendo um barulho em torno de si.

O então director do Museu Nacional já sentia espesinhada a sua probidade scientifica, quando, servindo-se de um habil estratagema, veiu a apurar que a inscripção, apocrypha, fôra obra de um orientalista estrangeiro, residente no Rio.

A inscripção da Gavea, por sua vez, para Ladislau Netto, não passa de mero resultado de um phenomeno geologico: trata-se de sulcos irregulares, quasi verticaes, produzidos pelas aguas pluviaes que descem de cima da montanha

Candido Costa transcreve uma memoria escripta por D. Henrique Onfroy de Thoron, sob o titulo de "Viagens dos navios de Salomão ao rio das Amazonas" e publicado em 1876 pela Camara Municipal de Manáos, na qual este autor, com a ajuda da philologia e da historia, julga ter chegado a descobrir vestigios da navegação dos phenicios e dos hebreus da época de Salomão e a determinar, no Alto Amazonas, as posições geographicas dos logares celebres

da Biblia conhecidos por Parvaim, Ophir e Tardschisch. Thoron chegou a essa conclusão com o auxilio da lingua quichua, falada nos Andes do Perú e do Equador, e que diz conter grande parte das linguas mortas da Asia, do Egypto e da Grecia. Baseando-se em historiadores, para demonstrar haverem os povos da antiguidade navegado no oceano e terem conhecido a America, o autor mostra que os termos extrangeiros contidos no texto da Biblia e designando objectos trazidos pelas frotas de Hiram e de Salomão foram tirados da lingua quichua. Prova ainda que palavras hebraicas transportadas áquella parte da America se têm misturado aos dialectos dos indigenas ou mesmo se conservaram intactas. "Esta tróca de vocabulos entre nações de continentes diversos é a prova de que os Hebreus e os Phenicios iam ao rio das Amazonas, o qual recebeu destes navegantes o nome de Salomão".

O Padre Nicoláo Badariotti (22) refere que nas tradições mexicanas, da America Central e dos antigos habitantes do Pacifico subsiste a crença de que os povos affluiram em diversas épocas e em successivas emigrações da America do Norte para a do Sul, opinião esta que reputa insufficiente para explicar a analogia notada entre as tradições graphicas ou verbaes dos indigenas da America meridional, mormente do Brasil, e as da Asia occidental. Cita depois a opinião de Derby, de que basta examinar o Museu ethnographico do Rio de Janeiro e con-

siderar as antiguidades peruanas para reconhecer que a architectura e a estatuaria da America eram quasi as mesmas do Egypto e da Ethiopia. O mesmo confirmaram, continúa, os descobrimentos que no Yucatan fez o americanista Le Plongeon, que affirma haver decifrado o alphabeto hieratico dos antigos Mayas; os caracteres e hieroglyphos figurados em diversos monumentos do Yucatan corresponderiam aos que se encontram gravados nos antigos monumentos egypcios.

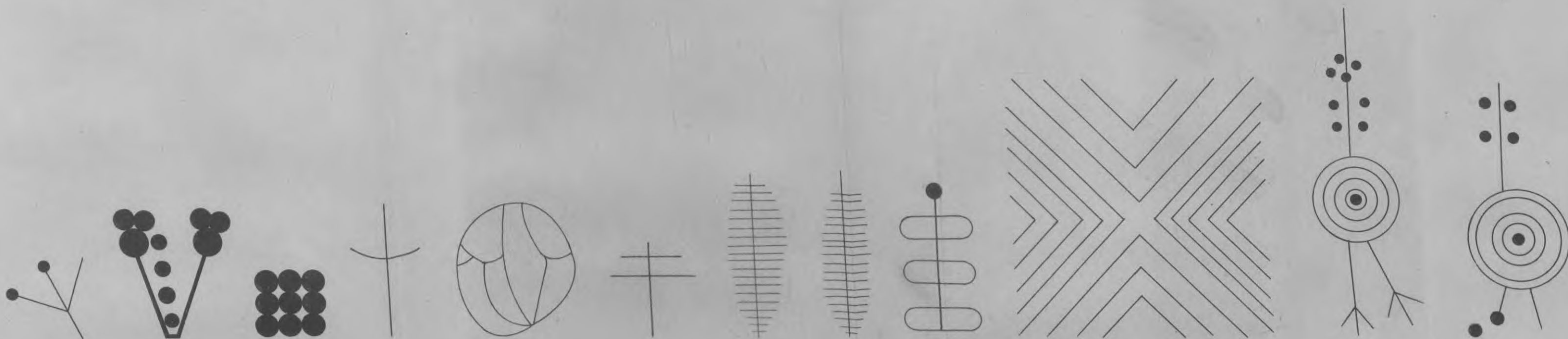
Ainda na opinião de Badariotti, "os indios Parecis são descendentes de uma emigração judaica posterior a Salomão ou de algum povo limitrophe, talvez dos Cananeos", opinião em favor da qual diz militarem as seguintes razões: 1) tradições religiosas; 2) costumes; 3) linguagem.

Depois de examinar detidamente esses pontos, o mesmo autor remata, resumindo as idéas por elle exaradas, que resultaria alguma probabilidade para as tres seguintes hypotheses:

1.ª Alguns povos teriam, atravez do Atlantico, emigrado do Antigo para o Novo Continente;

2.ª O Brasil teria sido a região conhecida sob o nome de Tharsis nos tempos de Salomão;

3.ª A nação dos Parecis seria descendente do povo judaico.

A idéa da immigração asiatica na America tem sido emittida desde a primeira metade do seculo XVI, como mostra Ramiz Galvão (23)

Inscripções gravadas no gneiss em Pedra Lavrada, *no logar Poço Grande a 100 metros ao Norte da povoação. Parahyba do Norte*

Nº 2

citando trabalhos tendentes a provar que os chins conheceram o nosso continente passando pela Kampschalka. Segundo um antigo historiador chinez, missionarios budhistas, no anno 458 da nossa éra, vieram á America, trazendo livros, imagens santas e o ritual, e instituindo habitos monasticos — "o que tudo fez se mudassem os costumes dos habitantes". Nesses trabalhos são mencionadas analogias entre as instituições monasticas, os symbolos do culto, o calendario e a forma dos monumentos de alguns logares da America e os dos povos da Asia oriental, assim como tradições e praticas religiosas.

Pelos artefactos ceramicos encontrados no *mound* de Pacoval, ilha do Marajó, e descriptos por Ladislau Netto, conclue Ramiz Galvão que os povos que habitaram a ilha, os Caraibas, "foram tribus emigradas de um centro mais adiantado no dominio das artes, e esse centro não foi outro senão o mesmo que deu origem por circumstancias especiaes á expansão e ao florescimento progressivo da civilisação azteca, maya e quichua". Nesses objectos ceramicos convém destacar os caracteres symbolicos que são gravados na louça e são semelhantes aos das escripturas mexicana, chineza, egypcia e indiatica. O citado autor acha possivel que esse centro mais adiantado talvez se achasse nos confins do Mexico com os Estados meridionaes da União Americana, e pergunta se não é senão nas reminiscencias de

uma origem commum, na patria longinqua dos primeiros emigrados, nos planaltos da Asia, que semelhante povo foi buscar os modelos positivamente orientaes que as cabeças dos idolos e adornos reproduzem e que os caracteres symbolicos recordam com a mais esmagadora evidencia.

Não ha nenhum vestigio de haverem os nossos selvicolas passado pela época paleolithica ou da pedra lascada. Por este facto e pelo de praticarem a agricultura sem haverem sido pastores, o general Couto de Magalhães (24) concluiu que elles aqui vieram por via de emigração, e que esta deve ter-se realisado depois que transpuzeram em outra região o primeiro periodo de civilisação.

Procedencia de um homem americano

A Gondwana, a grande terra equatorial que por muito tempo mantinha unida a Africa septentrional ao Brasil, foi sendo interrompida por movimentos epeirogenicos durante o cretaceo inferior e desappareceu sob o mar durante o cretaceo superior. A evidencia disto tem-se no fim do primeiro periodo, quando o Atlantico começou a invadir o Brasil e a Africa occidental, em Angola. Ulteriores e mais extensas invasões se deram no eocenio. Póde-se por isso dizer que a presente configuração do Oceano Atlantico, e portanto da costa do Brasil, teve sua origem nos ultimos tempos do cretaceo inferior. No eocenio, o resto desta ponte no Atlantico equatorial submergiu, uma vez que depositos eocenios existem ao longo do bordo occidental da Africa (25).

De outro lado, segundo a recente theoria dos deslocamentos continentaes, de Alfredo Wegener, a America ter-se-ia separado da Africa por uma fenda que fórma o Oceano Atlantico

de hoje e que se teria iniciado talvez no permiano pela extremidade sul e se teria ido alargando em rumo do norte, de modo que, no inicio do quaternario, ainda houvesse a ligação do Canadá á Scandinavia, atravez da Groenlandia (26).

Abbé Moreux refere que o naturalista Louis Germain, em uma conferencia realisada na Academia de Sciencias de França, em 20 de Setembro de 1911, estudando a fauna e a flora dos Açores, de Madeira, das Canarias e do Cabo Verde, chegou a conclusões extremamente interessantes: o conjunto das observações prova que no meio da éra terciaria estes quatro archipelagos formavam uma terra reunida ao norte á Peninsula Iberica, ao sul á Mauritania, emquanto que a oeste este resto continental se ligava ás Bermudas e ás Antilhas. Accrescenta Moreux que essa terra foi desmembrada no fim do terciario, após os grandes movimentos orogenicos, e o que restou teria formado a Atlantida lendaria, que é representada por elle, em uma carta "de accôrdo com os dados recentes", como uma grande ilha ao occidente da Peninsula Iberica e de Marrocos. E diz que não se sabe em que época esta Atlantida desceu para debaixo dagua, não deixando emergir acima da superficie marinha senão as ilhotas vulcanicas dos Açores, de Madeira e das Canarias. O mesmo autor, que é partidario da existencia da afamada Atlantida de Platão, ajunta que si o

homem viveu no fim do terciario, os primeiros representantes da humanidade puderam assistir ao afundamento. Infelizmente, observa, todas as nossas descobertas actuaes não permittem recuar a apparição do homem tão longe no passado, hypothese que acha não ser absolutamente necessaria (27).

Ora, na opinião de M. Boule, "nenhuma das descobertas materiaes invocadas em apoio da existencia do homem terciario é demonstrativa. Nenhum achado osteologico effectuado num meio pretendido terciario não poderia resistir á critica e, sobre este ponto, é preciso reconhecer que todo o mundo está quasi de accôrdo" (28).

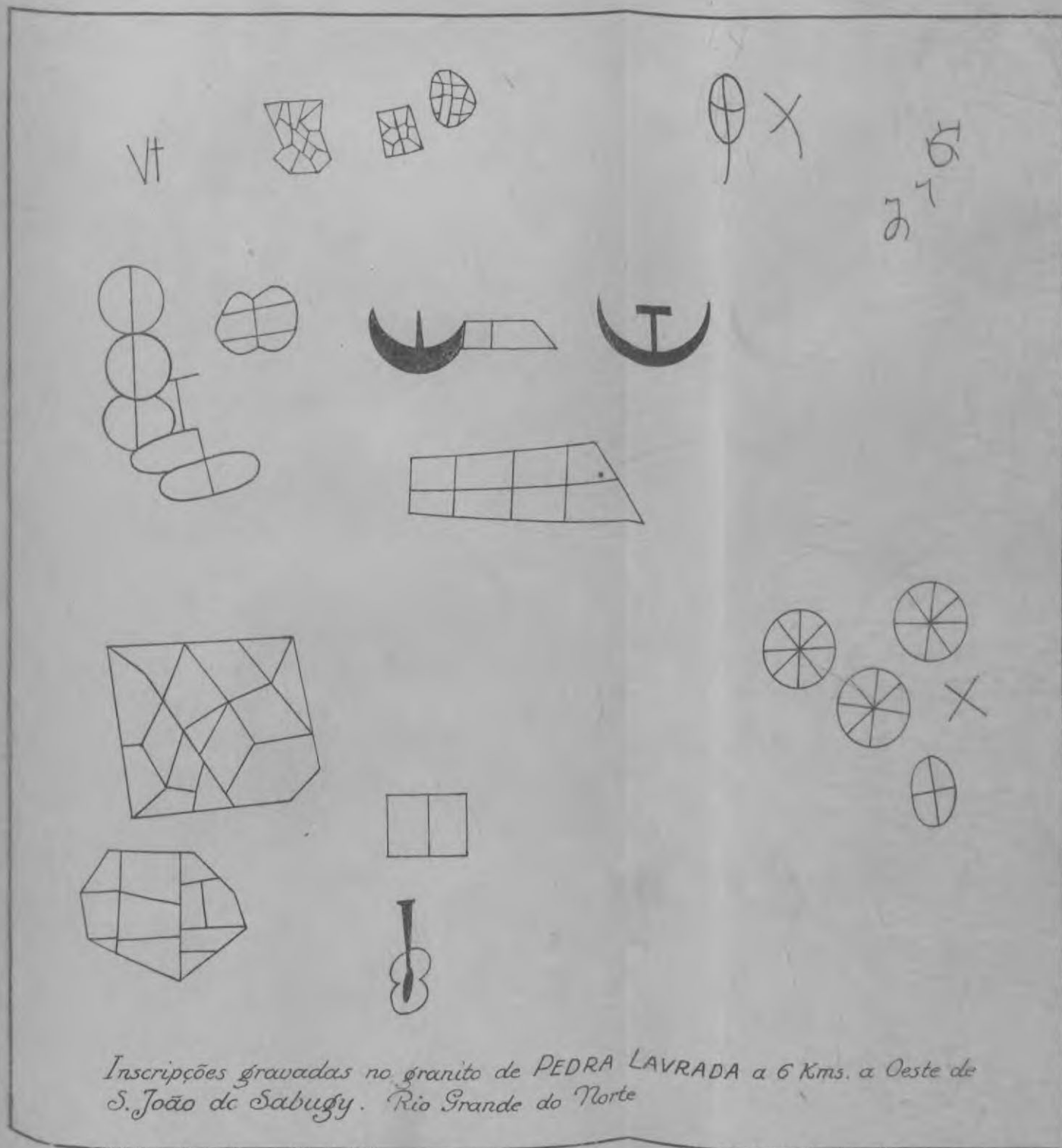
De qualquer modo então, de accôrdo com as tres opiniões exaradas sobre a prisão da America ao Antigo Continente pelo lado oriental, o homem que povoou o Novo Continente não podia ter vindo de leste atravez dessa ligação. Verdade é que, pela hypothese de Wegener, no começo do quaternario ainda havia a união do Canadá á Scandinavia por meio da Groenlandia. Mas, nenhuma migração humana se poderia fazer por essa via, pois que, conforme Schuchert (25), "nada se conhece do homem na America do Norte durante o pleistocenio", e Boule diz que durante o paleolithico a Suecia estava coberta de gelo e era inabordavel.

O apparecimento do homem, conforme o paleontologista Williston, é julgado ter-se dado na Asia Central, India ou China, em vista,

dentre outras razões, de muitos dos actuaes animaes domesticos americanos serem originarios da Asia: o boi, carneiro, cabra, porco, gallinha e pombo, — da India; emquanto das mais remotas partes da Asia vieram o cavallo, camello, renna, elephante, pavão, ganso e avestruz. Das plantas domesticas, a grande maioria é de origem asiatica. Na opinião de Schuchert, onde tirámos estas informações, "os homens vermelhos, ou indios, provavelmente emigraram da Asia passando atravez da Siberia, para o Alaska, e, após o gelo do periodo glacial ter-se derretido, das terras do norte espalharam-se na America Central e America do Sul. O homem tem estado na America do Norte provavelmente algumas dezenas de milhares de annos, si bem que muitos anthropologistas crêem que elle ahi se acha sómente ha poucos milhares de annos".

M. Boule, depois de diversas considerações sobre a evolução e distribuição dos Primates, conclue que é no Antigo Continente que é preciso procurar nosso "berço". "A humanidade é um producto do Velho Mundo".

"Sob o ponto de vista anthropologico, póde-se dizer que ha consentimento quasi unanime em ligar todas as populações americanas ante-historicas, isto é, o que se quer chamar hoje os *Amerindios* ao grande tronco das raças amarellas. Parece que todas estas populações vieram do Antigo Mundo. Mas sua repartição, desde muito tempo effectuada, sobre a superficie inteira das duas Americas, as differenças physicas, linguisticas ou sociaes que ellas apresentam, ou têm apresentado, levam a pensar que o povoamento do Novo Continente pelo Antigo deve forçosamente remontar muito alto no passado".

De Quatrefages considerou o craneo encontrado por Lund em Sumidouro "como o typo de uma raça especial, a *raça de Lagôa Santa* bem caracterisada pela fórma ao mesmo tempo alongada e elevada da cabeça. Os botocudos actuaes provêm deste typo, que entra egualmente na constituição de numerosas populações da America do Sul. Mais tarde, Ten Kate assignalou sua presença nos indios da Baixa-California. Sua existencia foi egualmente verificada nos sambaquis do Brasil, nos velhos cemiterios da Terra do Fogo e da Patagonia (Verneau). Em 1908, Rivet a encontrou no Equador, na vertente do Pacifico. Elle então desempenhou um grande papel no povoamento primitivo da America do Sul" (28).

Inscripções gravadas no granito de PEDRA LAVRADA a 6 Kms. a Oeste de S. João do Sabugy. Rio Grande do Norte

Nº 3

CONCLUSÕES

Analysando as inscripções do Nordeste, observa-se que os seus autores já haviam passado por uma certa evolução artistica, tendo transposto as phases naturalista e expressionista (artes physioplastica e ideoplastica do professor M. Verworn, de Bonn) e se achavam no periodo de symbolismo. As idéas eram representadas por figuras muito estylisadas e simplificadas. Domina a rigidez das fórmas da época do Mas d'Azil.

O professor Paulcke (29) compara symbolos figurativos do periodo paleolithico com os do antigo e moderno chinez e de diversos povos (antigos germanos, do Novo Mexico, do Perú, etc.) e mostra a passagem de taes figuras da época da pedra para o chinez antigo e deste para os outros povos. Muitos destes symbolos existem no Nordeste, na Bahia e no Amazonas, nomeadamente os que, conforme Paulcke, significam homem, homem alto, mulher, mãe, creança, arvore, etc. Vê-se que certos signaes

do Nordeste são semelhantes, ás vezes identicos, aos encontrados no Mas d'Azil, outras vezes aos derivados destes como da época neolithica, chinez antigo, antigos germanos, etc. Exemplificando: os riscos verticaes e os horizontaes, ás vezes ondulados ou com oscillações, são identicos a certos caracteres egypcios que representam, respectivamente, chuva e rio; a cruz já era conhecida na época de Azil, no neolithico e na China, mas quasi sempre associada a outras figuras.

A tinta das pinturas, vermelha, raramente parda, parece ser composta de oxydos de ferro e manganez, provavelmente misturados com materias graxas e resinas, como a com que são pintados os fragmentos de silex encontrados na caverna do Mas d'Azil (Ariége, França) por Edouard Piette e mencionados por Paulcke e M. Boule. A tinta das inscripções do Nordeste, como a de Azil, não foi possivel lavar-se e está muito bem conservada.

Pelo estudo das armas, machados de pedra, utensilios e arte rupestre, póde-se estabelecer parallelismo entre os nossos selvagens contemporaneos e as populações neolithicas da Europa.

As representações rupestres são uma feição geral de populações da edade da pedra, e existem espalhadas em diversas partes do globo. Ocorrem na França, Hespanha, Africa, Asia,

meridional, Australia, America do Norte e do Sul. Na Africa, segundo Boule, ellas formam uma rêde quasi continua de norte a sul: da Berberia ao Alto-Egypto, á Nubia (e na Arabia), em todo o Sahara, ao norte do Tchard, na Mauritania, no Niger, no Soudan, no paiz dos Somalis, na região de Victoria-Nyanza e em toda a Africa do Sul.

Podemos dar, finalmente, a seguinte synopse de tudo que está escripto neste opusculo sobre o assumpto:

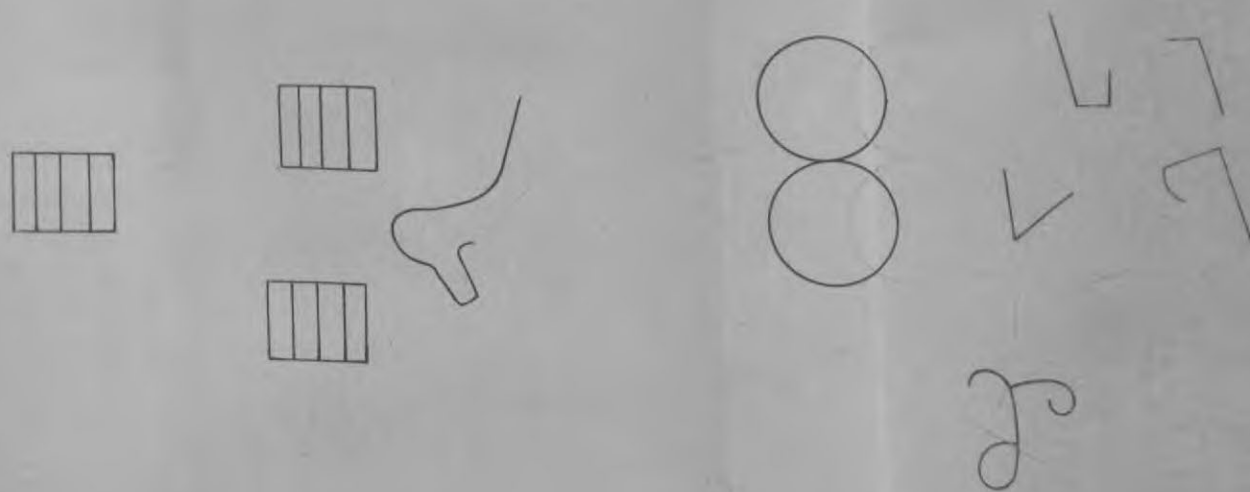
I. O primitivo povoamento do Brasil se deu por migrações humanas das partes centraes da Asia, atravez da Siberia e Alaska, para a America do Norte e, dahi, para a America do Sul.

II. As differenças observadas nos varios povos Amerindios devem ser attribuidas á diversidade das condições do meio, em que elles foram continuar sua evolução.

III. Nada de positivo ha sobre viagens de phenicios, hebreus e gregos ao Brasil e nem da vinda aqui dos habitantes da Atlantida lendaria: — tudo isto deve ser posto á margem como puro trabalho de imaginação.

IV. A semelhança de certos vocabulos da America meridional, inclusive nomes de localidades, com outros do Antigo Continente apenas indica uma fonte commum para todos esses vocabulos, na qual naturalmente as mesmas

idéas deviam ser expressas pelas mesmas palavras. Podemos, outrosim, estender esta interpretação ás affinidades de tradições religiosas, costumes e bellas artes.

V. As inscripções rupestres do Brasil devem ser attribuidas aos indigenas, e são o resultado dos desportos ociosos de successivas gerações.

Inscripção nas paredes e tecto da gruta calcarea do LETREIRO, a 36 Kms. a nordeste da estação Epitacio Pessoa, Rio Grande do Norte

Nº 4

BIBLIOGRAPHIA

1 — Candido Costa — *As duas Americas*. Lisbôa, 1900.

2 — Jayme Reis — *Noticia de antiguidades indigenas em Minas*. Revista Trimensal do Instituto Hisrico e Geographico Brasileiro, tomo L. Rio de Janeiro, 1892.

3 — Francisco Soares da Silva Retumba — *Relatorio dirigido ao Presidente da Parahyba. Pernambuco*, 1886. — Este relatorio foi inserto no livro "A Parahyba", de João de Lyra Tavares, paginas 162-205. Parahyba do Norte, 1909.

4 — J. R. Coriolano de Medeiros — *Diccionario Chorographico do Estado da Parahyba*. Parahyba do Norte, 1914.

5 — I. Joffily — *Notas sobre a Parahyba*. Rio de Janeiro, 1892.

6 — Alfredo de Carvalho — *Prehistoria Sul-americana*. Recife, 1910.

7 — Charles Frederic Hartt — *Inscripções em rochedos do Brasil*. Artigo pubblicado na revista "American Naturalist", de Philadelphia e cuja traducção por João Baptista Regueira Costa apparece, no n.º 47 da Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Recife, 1895.

8 — Ladislau Netto — *Investigações sobre a archeologia brasileira*. Archivos do Museu Nacional. Volume VI. Rio de Janeiro, 1885.

9 — Conselheiro Tristão de Alencar Araripe — *Cidades petrificadas e inscripções lapidares no Brasil*. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo L. Rio de Janeiro, 1887.

10 — Nelson de Senna — *A edade da pedra no Brasil* Terceiro Congresso Scientifico Latino-Americano. Imprensa Official. Bello Horizonte, 1905.

11 — John C. Branner — *Inscripções em rochedos do Brasil*. Artigo publicado na revista "American Naturalist", de Philadelphia, e cuja traducção por João Baptista Regueira Costa apparece no n.º 60 da Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Recife, 1904.

12 — Odorico Rodrigues de Albuquerque — *Reconhecimentos Geologicos no Valle do Amazonas*. Boletim n. 3 do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil. Rio de Janeiro, 1922.

13 — João Francklin de Alencar Nogueira — *Inscripções na serra da Rola e na gruta Casa da Pedra, Ceará*. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tomos LV e LVI. Rio de Janeiro, 1892.

14 — José Fabio da Costa Lyra — *As antiguidade do Brasil*. Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano. Anno I. vol. I. Parahyba do Norte.

15 — Henry Koster — *Travels in Brazil*. Second edition. London, 1817.

16 — Luciano Jacques de Moraes — *Entrevista a "O Jornal"*, de 11 de Junho de 1924. Rio de Janeiro.

17 — Alvaro Astolpho da Silveira — *Memorias chorographicas*. Imprensa Official. Bello Horizonte, 1922.

18 — Carlos von Koseritz — *Bosquejos ethnologicos*. Porto Alegre, 1884.

19 — Brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos — *Chorographia Historica da Provincia de Goyaz*. Excerpto na Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo XXXVII. Rio de Janeiro, 1874.

20 — João Severiano da Fonseca — *Viagem ao redor do Brasil*. Rio de Janeiro, 1880.

21 — Ladislau Netto — *Lettre à Monsieur Ernest Renan à propos de l'inscription phénicienne apocryphe soumise en 1872 à l'Institut historique, géographique et etnographique du Brésil*. Rio de Janeiro, 1885.

22 — Nicoláo Badariótti — *Exploração no norte de Matto Grosso. Região do alto Paraguay e planalto dos Parecis. Apontamentos de Historia Natural, Ethnographia, Geographia, e impressões*. Escola Typ. Salesiana. S. Paulo, 1898.

23 — B. F. Ramiz Galvão—*Biographia de Fr. Camillo de Monserrate*. Publicação da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro, 1887.

24 — Couto de Magalhães — *O Selvagem*. Rio de Janeiro, 1876.

25 — Pirsson and Schuchert — *A text-book of geology*. Second, revised edition. John Wiley & Sons, Inc. New-York, 1920.

26 — Alfred Wegener — *Die Entsehung der Kontinente und Ozeane*. O professor Everardo Backheuser fez uma exposição, em linhas geraes, das doutrinas de Wegener no artigo "Uma hypothese interessante", da Revista de Arte e Sciencia (Orgam da Sociedade Brasileira dos Amigos da Cultura Germanica), n.º 2, Agosto de 1923. Rio de Janeiro.

27 — Abbé Th. Moreux — *L'Atlantide a-t-elle existé?* Gaston Doin, Editeur. Paris, 1924.

28 — Marcellin Boule — *Les Hommes Fossiles* — Deuxiéme edition. Masson & Cie. Editeurs. Paris, 1923.

29 — W. Paulcke *Die Ur-Anfange der Bildscrift in der Alt-Steinzeit*. Stuggart, 1923.